

REFLEXÕES SOBRE...

Rey (Alain) — *Le Lexique: images et modèles; du dictionnaire à la lexicologie.*

Paris, Armand Colin, 1977

Em quase todas as nossas casas há um dicionário. Comprou-se, em geral, pedindo um **bom** dicionário. Mas que é um dicionário bom ou de confiança?

Na livraria, entregam-nos um, feito quase sempre sobre outros, os que o precederam em momento de edição. E sem pensar nisso, sem pensar, ainda, na imensa falta de estudos portugueses quer lexicológicos, quer lexicográficos, tem-se uma confiança espontânea, quase ilimitada, no utensílio que se adquiriu e que, tantas vezes, é de utilização frequente. Sem pensar também que o autor poderia ter usado para a elaboração da *SUA* obra fontes lexicográficas diacronicamente díspares.

Enunciámos alguns motivos dos vários que nos fazem valorizar a obra de A. Rey e particularmente o livro referido em epígrafe. É que, nele, há reflexões com sólida base teórica, há a seriação de exemplos pertinentes. Parte de amostras de língua catalogadas no concreto do dicionário, do produto lexicográfico, para o abstracto, para a teoria lexicológica. Demonstra-se assim, à evidência, o interesse e a importância de lexicologia, tão pouco conhecida pelos não especialistas. E são estes, no entanto, que mais frequentemente procuram apoio nos seus resultados.

Porque para além de trabalhos teóricos, A. Rey é co-redactor do «Dictionnaire alphabétique de la langue française» e redactor-chefe do «Petit Robert», encontra-se assim particularmente bem apetrechado para enriquecer a prática lexicográfica, quer de intenções didácticas, quer de marcas de implicações socioculturais e ideológicas.

Acentue-se aparecer como natural o imbricado tecido, até porque o dicionário não é um objecto natural, antes algo que desempenha funções sociais, algo que interfere na e é interferido pela tecitura de um processo histórico global.

Assim, em França, no século xvii, o dicionário da Academia leva à escolha de uma norma restritiva, a do léxico do «honnête homme». O universo linguístico da França demarca-se por cima na época em que se desenvolve e se fortalece a monarquia absoluta. E no entanto, sob o domínio de um tal normativismo vocabular, pôde nascer, em Port-Royal, uma análise ousada das estruturas da língua.

Em contrapartida, Furetière e, mais tarde, Diderot, fascinados pelos conhecimentos enciclopédicos, apenas vêem nas palavras e naturalmente sobretudo nas designações, a função referencial. As palavras permitem assim criar nomenclaturas descritivas do mundo exterior e é quase nulo o interesse dos «progressistas» do iluminismo pelas relações entre os termos.

As grandes correntes do pensamento reflectem-se por conseguinte, até nas suas contradições superficiais, no campo lexicológico.

Tipologia lexicográfica, modelos e limites do léxico, relações entre léxico e análise literária são assuntos abordados por A. Rey no livro em epígrafe. Talvez até o mais interessante seja o da história de certas palavras. Exemplifico com «sarabande» e «roman» (adjectivo), análise que permite compreender (*cum-prehendere*) processos culturais vivos. Outro exemplo: durante muito tempo, o desprezo pela arte medieval, levou a atribuir a designação generalizada de «gótico» a toda e qualquer produção da época. Todavia, a partir do momento em que se começa a esboçar um interesse real pela Idade Média, a necessidade de, nesta, distinguir épocas, vai levar a que nova palavra se imponha, instrumento mais fino para uma grade de análise ainda tosca: «Le besoin conceptuel, terminologique, répérable par les incertitudes de la nomination et les discours spécialisés, qui dessinent une place vide, est brusquement satisfait par l'apparition du néologisme».

E assim na história, tal como na frase, aparece uma palavra. Vem preencher um lugar, o seu.